



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO  
BACHARELADO EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS AO  
MULTILINGUISMO E À SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

**A TERMINOLOGIA DE LA MILI/VERDE-OLIVA:  
UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE UM DICIONÁRIO ESPANHOL E UM  
GLOSSÁRIO BRASILEIRO**

LETÍCIA GONÇALVES CEDRAZ

BRASÍLIA – DF

2019

LETÍCIA GONÇALVES CEDRAZ

**A TERMINOLOGIA DE LA MILI/VERDE-OLIVA:  
UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE UM DICIONÁRIO ESPANHOL E UM  
GLOSSÁRIO BRASILEIRO**

Monografia apresentada ao curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação, da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Marcos de Campos Carneiro

BRASÍLIA – DF

2019

Dedico este trabalho a todos os jovens oriundos da rede pública, que ingressaram no ensino superior e que hoje, assim como eu, acreditam que a educação pública, gratuita e de qualidade, é capaz de transformar a realidade social de muitos outros jovens.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, que me ensinaram desde pequena o valor do conhecimento e da sabedoria.

A todos os meus familiares, cujo amor, incentivo e apoio incondicional fizeram toda a diferença na minha vida.

A todos os meus amigos do curso de graduação, que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre com o espírito colaborativo.

Ao meu orientador, Prof. Marcos, pelos conselhos e empenho dedicado à elaboração deste trabalho.

À Universidade de Brasília, por todas as experiências e oportunidades referentes à vida acadêmica e pelo comprometimento com a qualidade e excelência do ensino.

A todos os mestres que contribuíram com a minha formação acadêmica e profissional durante a minha vida.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada!

*“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu,  
mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre  
aquilo que todo mundo vê.”*

*(Arthur Schopenhauer)*

## RESUMO

O presente trabalho apresenta, segundo uma perspectiva comparativa, uma análise entre repertórios terminográficos referentes à terminologia militar, desenvolvida sob uma ótica socioterminológica (FAULSTICH, 1995). Para tanto, foram analisados os repertórios intitulados *Diccionario de argot y terminologia militar* de González (2005) e *O Linguajar Verde-Oliva* de Gusmão (2016). Os níveis ditos macro e microestruturais de ambos os repertórios foram contrastados, tendo em vista as etapas metodológicas que validam o trabalho socioterminológico. Para a realização da análise em questão, utilizou-se o “Roteiro para a avaliação de dicionários de língua comum e de dicionários ou glossários científicos e técnicos”, elaborado por Faulstich (2011). Em relação aos elementos que compõem as entradas dos repertórios analisados, é possível constatar que cada uma das obras terminográficas se desenvolveu de acordo com possíveis necessidades dos públicos-alvo a quem se destinam. Observa-se, por um lado, que o repertório espanhol, direcionado a linguistas e estudiosos da área da Lexicografia, apresenta uma maior preocupação em esclarecer como se deu a constituição do *corpus*, bem como em apresentar marcas de uso e utilizar abonações para contextualizar os termos. Por outro lado, o repertório brasileiro, destinado ao ensino no âmbito militar, tende a priorizar aspectos léxico-semânticos.

**Palavras-chave:** Terminologia militar. Terminografia comparada. Socioterminologia. Língua espanhola e portuguesa.

## ABSTRACT

This work presents, under a comparative perspective, an analysis of terminographic repertoires referring to military terminology, developed from the socioterminological standpoint (FAULSTICH, 1995). For this purpose, we analyzed the repertoires entitled *Diccionario de argot y terminología militar* by González (2005) and *O Linguajar Verde-Oliva* by Gusmão (2016). The so-called macro and microstructural levels of both repertoires were compared, considering the methodological steps that validate the socioterminological work. To carry out the analysis in question, the “Roteiro para a avaliação de dicionários de língua comum e de dicionários ou glossários científicos e técnicos”, drafted by Faulstich (2011), was used as methodology. Regarding the structural components that make up the entries of the analyzed repertoires, it can be seen that each of the terminographic works was developed according to the possible needs of the target audiences to which they are intended. On the one hand, it is observed that the Spanish repertoire, directed to linguists and scholars in the field of Lexicography, has a greater concern to clarify how the constitution of the *corpus* took place, as well as to present use marks and use accreditations to contextualize terms. On the other hand, the Brazilian repertoire, aimed at teaching in the military sphere, tends to prioritize lexic-semantic aspects.

**Keywords:** Military Terminology. Comparative terminography. Socioterminology. Spanish and Portuguese language.

## RESUMEN

Este trabajo presenta, desde una perspectiva comparativa, un análisis de repertorios terminográficos que se refieren a la terminología militar, desarrollado desde un punto de vista sociotermológico (FAULSTICH, 1995). Con este fin, analizamos los repertorios titulados *Dicionário de argot y terminologia militar* de González (2005) y *O Linguajar Verde-Oliva* de Gusmão (2016). Se contrastaron los llamados niveles macro y microestructurales de ambos repertorios, considerando los pasos metodológicos que validan el trabajo sociotermológico. Para realizar el análisis en cuestión, se utilizó el “Roteiro para a avaliação de dicionários de língua comum e de dicionários ou glossários científicos e técnicos”, elaborado por Faulstich (2011). En relación a los elementos que componen las entradas de los repertorios analizados, se puede ver que cada una de las obras terminográficas se desarrolló de acuerdo con las posibles necesidades de los públicos objetivo a quién van destinados. Por un lado, se observa que el repertorio español, dirigido a lingüistas y académicos en el campo de la Lexicografía, tiene una mayor preocupación por aclarar cómo se realizó la constitución del *corpus*, así como por presentar marcas de uso y usar acreditaciones para contextualizar los términos. Por otro lado, el repertorio brasileño, destinado a la educación en el ámbito militar, tiende a priorizar los aspectos léxico-semánticos.

**Palabras clave:** Terminología militar. Terminografía comparada. Sociotermología. Lengua española y portuguesa.



## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>12</b>
2.1 As ciências do léxico .....	12
2.2 Lexicologia .....	13
2.3 Terminologia.....	13
2.3.1 O termo como objeto de estudo.....	15
2.3.2 A Socioterminologia.....	16
2.3.3 Da Lexicografia e da Terminografia .....	20
2.3.4 Da Metalexicografia e da Metaterminografia .....	22
2.3.5 Componentes estruturais de repertórios léxico-terminográficos .....	24
<b>3 METODOLOGIA DE TRABALHO E RESULTADOS .....</b>	<b>26</b>
3.1 Instrumento de análise .....	26
3.2 Apresentação das obras .....	27
3.3 Análise dos repertórios por itens do roteiro .....	28
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>46</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>50</b>
<b>ANEXO B.....</b>	<b>52</b>
<b>ANEXO C.....</b>	<b>53</b>
<b>ANEXO D.....</b>	<b>54</b>
<b>ANEXO E.....</b>	<b>55</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Durante os séculos XVIII e XX, a Revolução Industrial consolidou a imprensa escrita como a principal fonte de informação e comunicação da sociedade ocidental. A utilização dessa tecnologia, desenvolvida pelo alemão Johannes Gutenberg (1450), promoveu ativamente a difusão do registro escrito e o acesso ao saber em larga escala. Assim, as dimensões alcançadas pelo conhecimento impulsionaram descobertas científicas, transformações sociais, econômicas e políticas.

Nesse contexto, a imprensa estimulou o enriquecimento lexical e terminológico das línguas, o que culminou na criação de novas denominações para designar conceitos recém-criados e uma crescente necessidade de relacioná-los. Barros (2004, p. 27) confirma que, dessa forma, o universo lexical se expandiu, principalmente o universo terminológico. Sob este ângulo, a expansão do léxico das línguas e a especialização das unidades lexicais, acarretou um fenômeno de padronização linguística, com vistas a reduzir variações terminológicas.

O engenheiro Eugen Wüster, em 1931, apresentou o embasamento teórico-metodológico para lidar com as variações que os termos sofriam (ALMEIDA, 2003, p. 213). Dessa forma, Wüster deu origem a Teoria Geral da Terminologia (TGT) que enxergava a padronização dos termos como a melhor alternativa para lidar com variações terminológicas, consideradas como anomalias da língua. Contrapondo-se ao caráter prescritivo-normativo da TGT, novas teorias descritivas passaram a considerar sob outros ângulos os fenômenos linguísticos da comunicação especializada, dentre elas, a Socioterminologia (SOUZA e LIMA, 2017, p. 88).

Conforme Souza e Lima (2017, p. 88), a Socioterminologia surgiu visando à abordagem descritiva dos termos, ocupando-se da identificação e da categorização de variantes terminológicas que ocorrem nas mais diversas situações de uso da língua. Voltada aos estudos socioterminológicos, encontra-se Faulstich (1995), responsável por promover práticas de trabalho terminológicos descritivos. A pesquisadora explica que, antigamente, os dicionários e glossários registravam apenas a língua escrita, mas no momento em que a linguagem falada adquiriu importância por meio da mídia, investigar as formas faladas do léxico, passou a ser uma necessidade.

Com o advento da Socioterminologia, tornou-se menos comum ignorar a esfera comunicativa na qual as línguas de especialidade são empregadas, documentando apenas os termos consagrados pelo uso técnico-científico. Nesse *continuum* apresentado pelos estudos normativos e descritivos de Terminologia, terminógrafos vêm se preocupando cada vez mais com o universo social nos quais os termos são empregados. Essa tendência dos estudos terminológicos pode ser observada de forma análoga aos estudos sociolinguísticos, que se utilizam de processos metodológicos, para descrever as variantes populares e os contextos em que ocorrem. Sendo assim, é relevante investigar os métodos empregados na construção de repertórios construídos conforme princípios socioterminológicos.

Imbuído dessa perspectiva socioterminológica, este trabalho de pesquisa tem como finalidade, analisar e comparar as obras *Diccionario de argot y terminologia militar* de González (2005) e *O Linguajar Verde-Oliva* de Gusmão (2016)<sup>1</sup>. A análise da terminologia militar dita “verde-oliva” contida nestes repertórios terminográficos, possibilita averiguar as entradas compiladas e os dados organizados em cada um dos verbetes. A pertinência da verificação desses fatores torna-se evidente, quando se considera que ambos os repertórios, foram desenvolvidos com ênfase no registro de termos utilizados essencialmente, no discurso oral.

Utilizando como base metodológica o “Roteiro para a avaliação de dicionários de língua comum e de dicionários ou glossários científicos e técnicos” de Faulstich (2011), será realizada uma comparação de aspectos micro e macroestruturais entre ambos os repertórios, tendo em conta as etapas metodológicas que validam o trabalho socioterminológico (FAULSTICH, 1995). Para realizar essa análise é preciso apresentar limites entre conceitos lexicológicos e terminológicos, relacionados a processos metodológicos de estudos de Lexicografia e de Terminografia. Sob este ângulo, também será necessário introduzir os princípios metalexigráficos e apresentar os principais componentes estruturais dicionarísticos.

---

<sup>1</sup> A escolha de ambas as obras foi impulsionada por motivações pessoais, uma vez que o convívio com familiares militares me fez perceber as peculiaridades da terminologia em questão.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 As ciências do léxico

A língua pode ser compreendida como um sistema linguístico pertencente a uma dada comunidade cultural, o que permite a comunicação entre seus membros. Biderman (2001, p. 13) define o léxico como sendo todas as palavras que compõem uma língua. Como qualquer outra ciência, a língua como objeto de estudo se encontra em constante evolução. Isso acontece porque continuamente novas palavras estão sendo criadas, enquanto outras estão caindo em desuso. Por esse motivo, nem mesmo os dicionários mais completos conseguem registrar toda a variedade lexical que compõe uma língua.

As inovações lexicais ocorrem conforme as novas necessidades linguísticas de uma determinada comunidade de locutores, e podem ser linguística e culturalmente representadas pela presença de termos técnico-científicos, regionalismos e de outras designações de uma língua. Segundo Krieger (2014):

A multiplicidade de facetas do léxico é indicativa de que esse componente não é um bloco monolítico, mas compõe-se do velho e do novo, do geral e do específico, do uso abrangente em termos territoriais ou do regional entre outros aspectos. Com essa abrangência, nomeia, designa, faz significar, expressa subjetividades e ideologias. Por tudo isso, o léxico funciona como o pulmão das línguas vivas de cultura, evidenciando que é um conjunto aberto que se renova, em especial, pelo seu papel de nomear o que surge de novo, o que a ciência descobre e os artefatos que a tecnologia produz. (p. 324).

Cabe ressaltar que, tanto as palavras, quanto os termos são considerados itens lexicais de uma língua. A maior diferença entre eles, segundo Krieger (2014, p. 327) está em suas funcionalidades. Enquanto a palavra constitui o léxico de uma língua natural utilizada em contextos diversos, o termo vincula-se mais diretamente a uma área de especialidade técnica ou científica, em que seus conceitos fazem-se presentes.

A Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia identificadas como ciências do léxico, assim como ramos da Linguística Aplicada, possuem linhas de pesquisas e aplicações distintas. Como veremos a seguir, enquanto a Lexicologia se encarrega em estudar o vocabulário cientificamente, a Terminologia estuda a designação dos conceitos e objetos de um domínio profissional em áreas de conhecimento, a partir de conjuntos de termos técnicos, científicos e especializados.

## 2.2 Lexicologia

Apesar do uso recente do termo científico “Lexicologia”, o estudo das palavras, segundo Abbade (2011, p. 1333) é uma prática bem antiga, e remonta à Antiguidade Clássica. Definida como a ciência que estuda o léxico de uma determinada língua, a Lexicologia além de estudar as relações internas do próprio léxico, também analisa o léxico em relação às suas diversas associações com outros ramos da Linguística, “relacionando-se necessariamente com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e em particular com a semântica” (ABBADÉ, 2011, p. 1332).

Segundo Barbosa (1992), o léxico pode ser analisado por um viés diacrônico (suas mudanças/evoluções através do tempo), sincrônico (seu estado durante um momento específico) ou pancrônico (adotando tanto o viés sincrônico quanto diacrônico). Quanto à metodologia de investigação dos vocabulários em uso, o léxico pode ser tratado de modo quantitativo, isto é, objetivando o registro metódico do número de ocorrências, ou qualitativo, priorizando a observação das informações associadas à utilização lexical.

De modo geral, a Lexicologia está dividida em duas vertentes, apresentando uma abordagem descritiva e uma abordagem aplicada. Entre as atribuições da Lexicologia descritiva citadas por Barbosa (1992), destaca-se a descrição dos conjuntos e subconjuntos lexicais (universo léxico, conjunto vocabulário, léxico efetivo e virtual, vocabulário ativo e passivo). Já as análises do léxico, podem se destinar às suas constituições mórficas<sup>2</sup>, aos aspectos sintáticos, às atribuições semânticas, ao universo natural, social e cultural de acordo com sua inserção, entre muitas outras funções.

A Lexicologia aplicada, por outro lado, propicia um estudo mais aprofundado em relação a outras vertentes, como o “ensino de língua materna ou estrangeira, descrição, diagnóstico e terapia dos distúrbios da linguagem, processos de tradução automática ou mecânica, técnicas de documentação, tratamento da informação, dentre outros” (BARBOSA, 1992, n.p.).

## 2.3 Terminologia

---

<sup>2</sup> Segundo De Lucca e Nunes (2002, p. 05), “Os elementos mórficos ou morfemas dividem-se em: raiz, radical ou tema, vogal temática, afixos e desinências”.

Segundo a Organização Internacional de Padronização (ISO) o termo “Terminologia” apresenta duas definições. A primeira designa o “conjunto de designações pertencentes a uma dada língua de especialidade” (ISO 1087-1, 2000, p. 10, tradução nossa)<sup>3</sup>, e a segunda a “ciência aplicada ao estudo da estrutura, da formação, do desenvolvimento, do uso e da gestão das terminologias em vários domínios” (ISO 1087-1, 2000, p. 10, tradução nossa)<sup>4</sup>. Segundo Barros (2004, p. 34), com o propósito de facilitar a identificação das duas definições mencionadas anteriormente, utiliza-se terminologia, com a inicial minúscula, para se referir à primeira acepção e Terminologia, com a inicial maiúscula, para se referir à segunda acepção.

A utilização de cada uma das definições se deu em diferentes períodos históricos. Conforme Almeida (2003, p. 213), a prática terminológica iniciou-se por volta do século XVIII com a necessidade de relacionar denominações das áreas de Química, Botânica e Zoologia aos conceitos científicos. O naturalista sueco Karl Von Lineu, em 1735, contribuiu para o estabelecimento da Terminologia, criando um sistema universal binomial para classificar os termos relativos à fauna e a flora. A criação de novos conceitos também culminou com o advento da Revolução Industrial durante os séculos XVIII e XIX, conforme explica Barros (2004):

As mudanças socioeconômicas e políticas tiveram repercussões em nível vocabular: a cada nova invenção, a cada nova situação, atividade, produto, serviço, reivindicação, lei etc. surgiam novos termos correspondentes. O universo lexical das línguas transformou-se, ampliando-se substancialmente, o mesmo sucedendo com o conjunto terminológico que, aliás, cresceu em maior proporção. (p. 26).

Segundo Barros (2004, p. 27), novas necessidades linguísticas surgiram durante esse período. A intensa padronização da língua e a implantação do sistema de ensino público e gratuito tinham como finalidade a diminuição das variações linguísticas. Ademais, a standardização linguística também objetivava o aprimoramento da compreensão dentro da esfera privada, entre os órgãos públicos e os cidadãos “da nova sociedade de múltiplas exigências, obrigações e serviços” (BARROS, 2004, p. 27).

É dentro desse contexto, segundo Almeida (2003, p. 213), que em 1931, o engenheiro austríaco Eugen Wüster (1899-1977) publicou sua tese de doutorado intitulada *A normalização internacional da terminologia técnica* e deu início a disciplina denominada de Teoria Geral da Terminologia (TGT). Paralelamente a Wüster, estudos linguísticos sobre

<sup>3</sup> “set of designations belonging to one special language.”

<sup>4</sup> “science studying the structure, formation, development, usage and management of terminologies in various subject fields.”

terminologias técnicas de diversos domínios foram desenvolvidos na antiga União Soviética, que tinha D. S. Lotte (1898-1950) como fundador e principal representante dos estudos soviéticos de Terminologia (BARROS, 2004, p. 32). Dessa forma, pode-se dizer que tanto Wüster na Alemanha, quanto Lotte na antiga União Soviética foram responsáveis pelo nascimento da Terminologia no atributo de disciplina científica.

### 2.3.1 O termo como objeto de estudo

Conforme definição da ISO, o termo é uma “designação verbal de um conceito geral em um domínio específico” (ISO 1087-1, 2000, p. 6, tradução nossa)<sup>5</sup>. Dessa maneira, o termo é caracterizado como uma denominação linguística que assume um significado específico dentro de uma área ou tema de especialidade. Também é apresentada uma nota dizendo que “um termo pode ser constituído de símbolos e pode apresentar variantes, como por exemplo, diferentes formas ortográficas” (ISO 1087-1, 2000, p. 6, tradução nossa)<sup>6</sup>. Barros (2004, p. 40) afirma que a relação significado-significante, o valor sociolinguístico, e as relações de similaridades e diferenças de significado que um termo consegue apresentar em relação a outros, são apenas algumas das óticas sob as quais um termo pode ser analisado.

A Teoria Geral da Terminologia (TGT), disciplina concebida por Wüster, como mencionado anteriormente, surgiu, segundo Almeida (2003, p. 214), com o intuito de tornar a linguagem técnica mais eficaz, eliminando a existência de ambiguidades. Na visão de Wüster (1998, p. 150), as variações linguísticas, que podiam ser caracterizadas como variantes monolíngues ou interlíngues, representavam “toda perturbação da unidade lingüística” (apud FAULSTICH, 2001, p. 17) e em sua perspectiva, a normalização dos termos surgia com o propósito de solucionar este tipo de problema.

É importante salientar que apesar da TGT manter relações privilegiadas com áreas como a lógica e a Teoria da Classificação, sua relação com a linguística é considerada ambígua, conforme explica Barros (2004, p. 55), uma vez que Wüster “se interessava praticamente apenas pelos termos, dissociando o léxico da gramática, do contexto e do discurso, vendo-os como unidades que existem e têm vida independente”.

---

<sup>5</sup> “verbal designation of a general concept in a specific subject field.”

<sup>6</sup> “A term may contain symbols and can have variants, e.g. different forms of spelling.”

De acordo com Almeida (2003, p. 214), apesar da teoria de Wüster resolver o problema da comunicação estandardizada, nem sempre a comunicação estandardizada reflete o uso real da língua. Segundo a autora, a partir da década de 90, muitos terminólogos realizaram críticas à TGT, alegando que a teoria se mostrava insatisfatória em relação à descrição dos termos. Em decorrência disso, novas teorias capazes de lidar descritivamente com os fenômenos da comunicação especializada surgiram, entre elas, a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT).

Diferente do modelo teórico proposto por Wüster, a Teoria Comunicativa da Terminologia apresentada por Maria Teresa Cabré (1999) e pesquisadores do Grupo IULATERM<sup>7</sup>, reconhece a existência de variações tanto conceituais quanto denominativas nos domínios de especialidade. Desse modo, a TCT considera a dimensão textual discursiva dos termos, além dos aspectos cognitivos, linguísticos e sociais (BARROS, 2004, p. 57). Além disso, a teoria de Cabré considera que não existe distinção entre uma unidade terminológica e uma unidade lexical. A esse respeito, Barros (2004) esclarece:

Contrariamente à TGT, a TCT não aceita a distinção drástica entre unidade terminológica (termo) e unidade lexical da língua geral (palavra). Considera os termos como unidades linguísticas que exprimem conceitos técnicos e científicos, mas que não deixam de ser signos de uma língua natural (geral), com características e propriedades semelhantes.(p. 57).

Dessa forma, a TCT reconhece o signo linguístico composto de forma e conteúdo indissociáveis, assumindo que não existe o pertencimento de um termo a um domínio próprio, mas sim, a utilização de unidades linguísticas dentro de domínios de especialidade.

### 2.3.2 A Socioterminologia

A Socioterminologia, assim como a TCT, surgiu em contraposição ao modelo Wüsteriano. Boulanger (1991) e Auger (1994), expoentes das pesquisas socioterminológicas, iniciaram com as abordagens da Terminologia do ponto de vista social. No entanto, somente com a publicação da tese de doutorado de Gaudin<sup>8</sup>, em 1993, que o princípio teórico-

<sup>7</sup> Grupo de pesquisa do Instituto de Linguística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona, criado em 1994, com enfoque no estudo do léxico, Terminologia, discurso especializado e Engenharia Linguística. Disponível em: <<https://www.upf.edu/web/iulaterm>>. Acesso em: 13 de junho de 2019.

<sup>8</sup> Intitulada *Pour une Socioterminologie: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles* (FAULSTICH, 2006, p.29).



metodológico da Socioterminologia passou a ser discutido com maior pertinência (FAULSTICH, 2006, p. 29).

Derivada dos princípios da Sociolinguística, a Socioterminologia se concretiza com o intuito de estudar a linguagem especializada em uso. Criticando o caminho unicamente prescritivo que a TGT tomava até aquele momento, a perspectiva teórica de Gaudin (1993) se propõe a analisar como os fatores sociais afetam as situações comunicativas no âmbito de especialidade, considerando a dimensão variacionista dos termos:

[...] tentaremos mostrar como, no mesmo movimento que levou da linguística estrutural à sociolinguística, uma socioterminologia pode levar em conta o funcionamento real da linguagem e restaurar toda a sua dimensão social às práticas linguísticas em questão. (p. 16, tradução nossa).<sup>9</sup>

A partir dos avanços promovidos pela linha de pesquisa “Léxico e Terminologia” da UnB, liderada por Faulstich (1995), a Socioterminologia dividiu-se em duas acepções. A primeira refere-se à prática de trabalho que visa analisar as condições de circulação do termo no funcionamento da linguagem. E a segunda, remete à disciplina descritiva que objetiva estudar o termo na esfera social empregada, sob uma perspectiva linguística. Segundo Faulstich (2006, p. 29) o reconhecimento da Socioterminologia como disciplina descritiva “possibilitou criar o postulado máximo da socioterminologia, qual seja ter na base da pesquisa a variação lingüística dos termos no meio social e, por conseqüência, entender a mudança terminológica como mecanismo resultante da pragmática discursiva”.

Além de ter como auxiliar os princípios da Sociolinguística, a Socioterminologia no contexto disciplinar, deve contar também com os princípios de Etnografia. Segundo a fundamentação etnográfica, diversos conceitos interacionais surgem referentes a um mesmo termo, tal como, vários termos surgem referentes a um mesmo conceito. Isso ocorre, conforme Faulstich (1995), em decorrência da interação comunicativa entre membros da sociedade. Segundo Raus (2014, p. 14), no que se refere à abordagem étnica da Terminologia, o conceito é um elemento central, considerado em relação à cultura. Os etnotermos, conceituados por Diki-Kidiri (2008), apresentam como a cultura condiciona a construção e a percepção dos conceitos, e determinam as definições e as denominações.

---

<sup>9</sup> “[...] nous tenterons de montrer comment, dans le même mouvement qui a conduit de la linguistique structurale à la sociolinguistique, une socioterminologie peut prendre en compte le réel du fonctionnement du langage et restituer toute leur dimension sociale aux pratiques langagières concernées.”

No que diz respeito à validação do trabalho socioterminológico, Faulstich (1995) lista nove etapas metodológicas que o terminólogo deve seguir:

1. É imprescindível identificar o usuário da terminologia a ser descrita. Segundo a autora, é fundamental que o especialista em Terminologia conheça o perfil do usuário, para que o repertório terminográfico que venha a ser elaborado represente uma ferramenta de consulta útil, pertencente à área de conhecimento em questão.

2. É essencial adotar uma postura descritiva. Diferentemente da atitude prescritiva, que busca normatizar o termo que deve ser utilizado em dadas situações comunicativas, Faulstich explica que a descrição se apóia na observação dos usos da terminologia no discurso oral e escrito. Quando o terminólogo adota uma postura descritiva, o termo é descrito de acordo com as características linguísticas que assume em determinado contexto, considerando-se as variantes de uso.

3. Pode ser conveniente consultar um especialista da área de especialidade como procedimento de avaliação terminológica<sup>10</sup>. Considerando que o especialista em terminologia, em geral, não tem conhecimento aprofundado dos conceitos dos termos em diversos domínios, torna-se pertinente que o trabalho se desenvolva em parceria com um especialista da área em questão. Para que um repertório terminográfico seja redigido com qualidade, é necessário evitar erros de conceituação, informações linguísticas inadequadas, entre outros equívocos.

4. É necessário delimitar o *corpus*. Apesar da recomendação de que a terminologia de uma área seja descrita de maneira exaustiva, isso não se aplica a todos os tipos de repertórios terminográficos. Dentro do trabalho socioterminológico, o pesquisador deve ter condições de delimitar a área (macroárea, áreas intermediárias, subárea) relativa à terminologia em pauta, para que todos os dados obtidos sejam de uma dada área de interesse.

5. Selecionar a documentação bibliográfica pertinente. Para que o trabalho seja desenvolvido de maneira adequada, é necessário que o especialista em Terminologia realize o levantamento do *corpus* bibliográfico levando em consideração aspectos importantes. Assim, é necessário averiguar a procedência das obras escritas (que representam a linguagem em uso) e as informações pessoais dos informantes que apareçam em registros orais gravados. Ademais, a verificação da origem de recursos audiovisuais, produções científicas ou técnicas,

---

<sup>10</sup>Maiores informações podem ser obtidas na tese de doutorado intitulada “Avaliação de terminologia multilíngue aplicada à formação em tradução jurídica: estudo para proposta didática com base em TICS” (CARNEIRO, 2019).

entre outras variedades de obras que possibilite de maneira confiável a recolha de termos e contextos, também se torna relevante.

6. É preciso determinar as condições de produção e de recepção do texto científico e técnico. Faulstich esclarece que antes do levantamento bibliográfico, parâmetros devem ser adotados com o intuito de facilitar a descrição da terminologia. Dessa forma, o pesquisador deve considerar aspectos como: a situação comunicativa (fala e escrita) em que o discurso foi produzido; quem o produziu; para quem se dirigiu; com qual finalidade; o que condicionou as variações ou mudanças linguísticas, entre outros.

7. Conceder, na análise do funcionamento dos termos, estatuto principal à sintaxe e à semântica. Faulstich explica que o especialista em terminologia deve atribuir à UTC<sup>11</sup> o papel de predicador semântico, assim como deve estabelecer um critério de predicação sintático-semântica na delimitação das UTCs. Em outras palavras, o terminógrafo deve reconhecer que:

A dimensão sintático-semântica de uma UTC depende da incidência de um predicador sobre o item anterior, formando predicções de diversos níveis até que o significado se complete. O significado resulta da «combinação dos sentidos de dois itens lexicais relacionados sintaticamente. O predicador, portanto, transfere a seu sujeito uma propriedade sua, que poderá ser (1) a emissão de um juízo sobre o valor de classe-sujeito, (2) a alteração da extensão dos indivíduos designados pela classe-sujeito, ou (3) a alteração das propriedades intensionais da classe-sujeito» (idem). (FAULSTICH, 1995, n.p.).

8. Registrar o termo e a(s) variante(s) do termo. Antes de utilizar uma ficha terminológica, que segundo Faulstich, funciona como uma espécie de “certidão de nascimento” para registrar os termos, é necessário que o terminólogo observe os termos e as variantes nas dimensões escrita e oral. A estas somam-se as ocorrências do termo na estratificação vertical e horizontal da língua<sup>12</sup>, a interação entre usuários de terminologias e a dimensão discursiva do termo.

9. E por último, redigir repertórios terminográficos. Faulstich esclarece que os repertórios referentes à terminologia possuem configurações apropriadas, de acordo com sua tipologia. A seleção do tipo de repertório vai depender da matéria que se queira metodicamente descrever e do usuário que vai utilizá-lo.

<sup>11</sup>Krieger e Finatto (2004) esclarecem que do ponto de vista da constituição lexical genérica, os termos são tanto unidades terminológicas simples (UTS) quanto complexas (UTC). Enquanto a UTS representa um termo simples composto por uma única palavra (monolexemática), a UTC resulta de uma combinação de palavras que semanticamente adquirem um único significado e se transformam em construções fixas em decorrência de seu uso constante.

<sup>12</sup>Segundo Pignatari, (1991, apud CONTANI e YAMANARI, 2013, p. 45) o plano vertical faz referência ao paradigma, que é entendido como o eixo da escolha do signo linguístico que irá compor uma frase. O plano horizontal, por outro lado, refere-se ao sintagma, que é assimilado como o eixo das múltiplas possibilidades de combinação dos signos linguísticos em frases.

Faulstich (1995) ressalta que a pesquisa socioterminológica requer procedimentos precisos, provenientes da etnografia. Entre os aspectos que o terminólogo precisa observar estão: a) as características da instituição na qual a terminologia é gerada, tais como os tipos de atividades que exercem, como são distribuídas as funções, como funciona a rede de comunicação etc.; b) as características do pessoal, como a idade, o nível de escolaridade, as qualificações profissionais, quais postos ocupam, condições e frequência de atualização etc.; c) a competência e os usos linguísticos, como o tipo de comunicação mais empregada (falada, escrita, lida), o domínio de terminologias, o emprego de terminologias, a difusão de terminologias por meio de obras específica etc.; d) registro da variação linguística na terminologia.

Entre os tipos de variações mais comuns em línguas de especialidade, Faulstich (1995) destaca: a) a variante gráfica, em que o registro escrito ou oral é produzido de maneira diversificada em outros contextos; b) a variante lexical, em que o item lexical ou parte dele é passível de alteração sem que o significado terminológico seja modificado; c) a variante morfossintática, em que o conceito não se altera por causa da alternância de elementos gramaticais; d) a variante socioprofissional, em que o conceito e o significado não se alteram em função da mudança dos registros no plano vertical da língua; e) e a variante topoletal ou geográfica, em que o conceito e o significado não se alteram em função da mudança de registro no plano horizontal da língua.

### **2.3.3 Da Lexicografia e da Terminografia**

Considerada uma ciência antiga e tradicional, a Lexicografia é a ciência que se dedica ao estudo e à elaboração de repertórios lexicográficos (dicionários, glossários e vocabulários), no que diz respeito ao léxico geral da língua (WELKER, 2006, p. 69). A Lexicografia ocidental iniciou-se na era moderna e as obras criadas durante essa época, segundo Biderman (2001, p. 17), não passavam de listas de palavras. Biderman (2001) pontua que “A Lexicografia só começou, de fato, nos séculos XVI e XVII com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngües e bilíngües” (p. 17).

Bevilacqua e Finatto (2006, p. 45) afirmam que na visão do usuário, a obra lexicográfica exerce a função de “tira-dúvidas”, sendo utilizada para auxiliar nas dificuldades ortográficas, gramaticais e de categorização das palavras, além de ajudar no esclarecimento

do significado e do uso de palavras pouco empregadas. No entanto, quanto à funcionalidade da obra lexicográfica, ambas as autoras ressaltam que é preciso enxergar além desta perspectiva imediatista e reconhecer a obra lexicográfica como o repositório de todo um patrimônio sociocultural: a língua.

Quanto à elaboração da obra lexicográfica, Weinrich (1979)<sup>13</sup> esclarece que quando um repertório lexicográfico for produzido por profissionais da Linguística Aplicada, três elementos básicos estarão vinculados: a) um *corpus* de referência, que é definido como um conjunto de textos ou registros orais que servem de amostra do uso da língua; b) uma dada concepção de gramática e de língua; c) e uma concepção de descrição do significado.

É através dos critérios para a seleção de palavras evidenciadas no *corpus* de referência, segundo Barbosa (1992), que as obras lexicográficas irão recuperar, compilar e armazenar as unidades lexicais, com o intuito de reaver os significados, utilizando-se de uma metalinguagem para defini-los. Dessa forma, o percurso de investigação lexicográfica é entendido como sendo semasiológico, já que parte do signo linguístico para encontrar o significado, e então realizar a redação das definições.

Em relação à descrição dos significados, Bevilacqua e Finatto (2006, p. 47) elucidam que os significados são ordenados do mais denotado ao mais conotado e que essa ordenação de acepções é capaz de identificar a obra lexicográfica como um gênero textual. Também esclarecem, da seguinte maneira, a diferença da dicionarização de palavras homônimas e polissêmicas<sup>14</sup>:

Quando o lexicógrafo entender que é caso de homonímia, apresenta dois diferentes sentidos de uma palavra em entradas duplas: uma mesma unidade passa a ser vista como duas; por isso, terá dois verbetes separados. Se, em sua concepção, o lexicógrafo percebe o fenômeno como polissemia, colocará duas acepções numeradas a partir de mesma palavra-lemma. (BEVILACQUA e FINATTO, 2006, p. 47)

A lematização, um conceito pertinente à produção lexicográfica, caracteriza a fundamentação do que é considerada uma palavra e “consiste no registro sintético da unidade, a partir de uma forma de realização tomada como referência, normalmente indicada na forma singular e no masculino quando temos nomes, ou no infinito, quando se tratar de verbos.”. (BEVILACQUA e FINATTO, 2006, p. 47).

<sup>13</sup>(apud BEVILACQUA e FINATTO, 2006, p.45).

<sup>14</sup>Segundo Correia (2000, p. 01), no caso das palavras homônimas, duas ou mais palavras apresentam a mesma grafia ou pronúncia, mas possuem diferentes significados, enquanto no caso das palavras polissêmicas, uma mesma palavra pode apresentar dois ou mais significados.

Por outro lado, a Terminografia, é considerada uma ciência mais recente. Krieger (2014, p. 328) a define como a ciência que se ocupa da produção de repertórios terminográficos<sup>15</sup> (glossários, dicionários e banco de dados técnico-científicos), diferentemente da Lexicografia.

Assim como as obras lexicográficas, os repertórios terminográficos também são vistos como instrumentos com a finalidade de sanar dúvidas, no entanto, dúvidas relacionadas aos termos técnico-científicos. Bevilacqua e Finatto (2006) explicam que as obras terminográficas também podem ser vistas como os produtos da reflexão e “ao mesmo tempo, resultado da metodologia derivada dessa reflexão, teoricamente embasada” (p. 48).

A elaboração das obras terminográficas, segundo a perspectiva adotada por Bevilacqua e Finatto (2006) juntamente ao grupo TERMISUL<sup>16</sup>, parte do reconhecimento da terminologia como objeto de estudo. Com base em um *corpus* de referência composto por textos e registros de uma determinada área de especialidade, o reconhecimento terminológico busca identificar diversos aspectos, como o uso dos termos, características combinatórias, fraseologismos<sup>17</sup>, neologismos<sup>18</sup>, definições e etc.

Conforme Barbosa (1992), as obras terminográficas visam, recuperar, compilar e armazenar as acepções, com vistas a encontrar termos equivalentes. Assim sendo, a Terminografia adota um processo onomasiológico, buscando através dos conceitos encontrados, o termo correspondente.

### 2.3.4 Da Metalexicografia e da Metaterminografia

---

<sup>15</sup>Segundo Biderman (2001, p.17), as obras técnico-científicas da língua portuguesa teriam surgido a partir do século XX.

<sup>16</sup>Originado em 1991 no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a liderança de Maria da Graça Krieger, o grupo TERMISUL possui como objetivo a pesquisa teórica e aplicada em Terminologia e Terminografia. Disponível em:< <http://www.ufrgs.br/termisul/>>. Acesso em: 26 de maio de 2019.

<sup>17</sup>Segundo Krieger e Finatto (2004), entende-se por fraseologismo “uma estruturação lingüística estereotipada que leva a uma interpretação semântica independente dos sentidos estritos dos constituintes da estrutura”. Assim, segundo as autoras, podem ser considerados fraseologismos expressões idiomáticas, frases feitas e provérbios. Gréciano (1999, apud SILVA 2006, p.14) esclarece que enquanto na língua geral as unidades fraseológicas são chamadas de frasesmas ou fraseolexemas, na língua especializada elas são chamadas de fraseotermos.

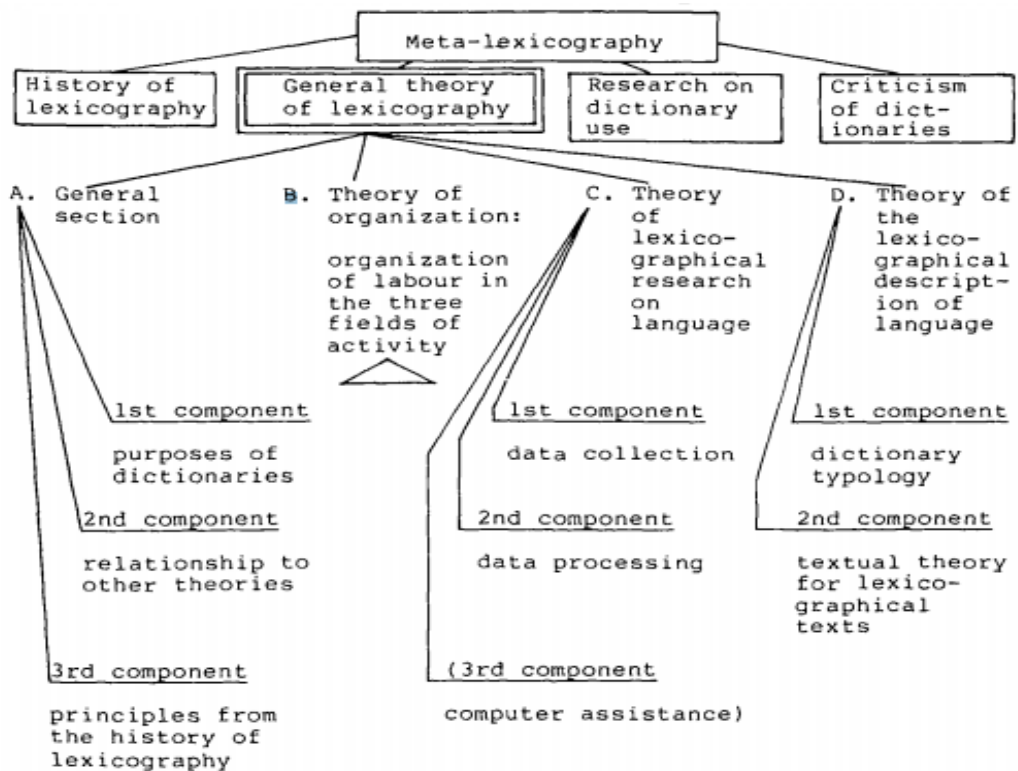
<sup>18</sup>Segundo Boulanger (1979, p.65-6), citado por Alves (1996, p.11), entende-se neologismo como "uma unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema lingüístico estrangeiro e aceito numa língua".

Como visto anteriormente, a Lexicografia e a Terminografia configuram respectivamente a prática de registro de palavras e termos, resultando em repertórios lexicográficos e terminográficos de diferentes tipos.

A fundamentação teórica que orienta não apenas a parte prática da produção lexicográfica, como também a parte prática da produção terminográfica, é denominada Lexicografia Teórica, também chamada de Metalexigrafia (PONTES E FARIAS, 2013, p. 103). O núcleo de estudo da Metalexigrafia é conhecido, conforme Wiegand (1983), como a Teoria Geral da Lexicografia e tem o propósito de pontuar e explicar os aspectos necessários para que o lexicógrafo realize seu trabalho com excelência.

Wiegand (1983) ilustra as relações metalexigráficas da seguinte maneira:

Figura 1: Diagrama das seções e subseções metalexigráficas



Fonte: Wiegand (1983, p.15).

Wiegand (1983, p.15) divide a Metalexigrafia em quatro segmentos: a história da lexicografia, a teoria geral da lexicografia, a investigação sobre o uso do dicionário e a crítica ao dicionário. A *Teoria Geral da Lexicografia*, por sua vez, apresenta quatro subseções:

- Uma *seção geral* que se encarrega de analisar as conexões da teoria lexicográfica em relação ao propósito dos dicionários no âmbito social, em relação a outras teorias e em relação aos princípios lexicográficos adotados historicamente até um dado momento;

- Uma seção denominada *teoria da organização* que se encarrega de analisar o planejamento dicionarístico;
- Uma seção que compreende a *teoria da investigação lexicográfica acerca da linguagem* que busca classificar todos os princípios científico-metodológicos capazes de serem empregados dentro da Lexicografia;
- E por último, uma *teoria da descrição lexicográfica* que consiste na análise das tipologias lexicográficas quanto às características das obras e em relação à estrutura dos repertórios lexicográficos.

Devido aos poucos casos de estudo, o conceito do termo Metaterminografia ainda está em construção. No entanto, segundo Vivian (2010, p. 36), seguindo os princípios metalexográficos, a Metaterminografia seria caracterizada como uma Terminografia teórica ou teoria da Terminografia. Dessa forma, baseando-se nos segmentos da Metalexigrafia proposto por Wiegand, a Metaterminografia se atentaria a história da terminografia, a teoria geral da terminografia, a investigação sobre o uso dos repertórios terminográficos e a crítica aos repertórios terminográficos.

Pontes e Farias (2013, p. 103) ressaltam que os estudos lexicográficos contribuem para a caracterização da Metalexigrafia como disciplina teórica. Segundo os autores, a investigação lexicográfica possibilita a revisão de princípios e práticas, auxiliando na resolução de problemas e favorecendo o entendimento de que os repertórios lexicográficos são mais do que repositórios de palavras. Por analogia, os estudos terminográficos contribuiriam para a caracterização da Metaterminografia como disciplina teórica. Assim, os princípios metalexográficos se concretizariam como o conjunto de reflexões teóricas e procedimentos metodológicos para a compilação de obras terminográficas.

### **2.3.5 Componentes estruturais de repertórios léxico-terminográficos**

A organização dos dicionários ocorre em vários níveis estruturais. Levando-se em conta a análise dos aspectos estruturais abordados neste trabalho, faz-se necessária a definição de macroestrutura, microestrutura e sistema de remissivas.



A macroestrutura se caracteriza como a “organização das entradas em um repertório” (ISO 1087-1, 2000, p. 13, tradução nossa)<sup>19</sup>. Dessa forma, a macroestrutura é entendida como a disposição dos verbetes, na obra lexicográfica “geralmente feita seguindo a ordem alfabética, mas, nos dicionários terminográficos, pode-se adotar também a ordem sistemática” (TELES e BARROS, 2013, p. 345). Faulstich (2011) coloca que as informações gerais dos dicionários também compõem a macroestrutura. Sendo assim, aspectos como a apresentação da obra, o prefácio, os aspectos editoriais, as orientações para a consulta de verbetes, entre outros elementos de ordenação textual, compõem o aparato macroestrutural.

Já a microestrutura, caracteriza-se como a “organização dos dados em cada uma das entradas de um repertório” (ISO 1087-1, 2000, p. 13, tradução nossa)<sup>20</sup>. Entende-se a microestrutura como o preestabelecimento das informações que irão compor cada um dos verbetes, tais como as definições, a origem e/ou etimologia<sup>21</sup>, as marcas de uso, exemplos e/ou abonações<sup>22</sup>, ilustrações, indicação de pronúncia e etc. As informações contidas nas entradas podem variar de acordo com a obra, no entanto, segundo Barros (2004, p. 148), uma obra deve seguir em sua composição os mesmos parâmetros, a fim de assegurar a homogeneidade de seu conteúdo.

Em suma, o sistema de remissivas é caracterizado, conforme Barros (2004, p. 174), como um mecanismo estrutural que possui a finalidade de interligar “as relações semântico-conceptuais existentes entre as unidades lexicais ou terminológicas que compõem a nomenclatura de uma obra lexicográfica ou terminográfica”. Teles e Barros (2013, p. 345) elucidam que assim, ao consultar uma entrada, o consulente é encaminhado a outra entrada que tem a função de fornecer a informação completa.

---

<sup>19</sup>“arrangement of entries in a collection.”

<sup>20</sup>“arrangement of data in each entry of a collection.”

<sup>21</sup>Segundo Faulstich (2011), “Entre origem e etimologia há uma diferença no modo de apresentação da informação. A origem mostra a continuidade de uma palavra no tempo e no espaço; a etimologia procura demonstrar o étimo de uma palavra, quer dizer, a forma primeira que está na base da “criação” da palavra”.

<sup>22</sup>Welker (2004, p. 150) define os exemplos como sendo construídos ou adaptados pelo lexicógrafo, enquanto as abonações são exemplos autênticos, ou seja, não são inventados e nem sofrem alterações.

### 3 METODOLOGIA DE TRABALHO E RESULTADOS

#### 3.1 Instrumento de análise

Com o estabelecimento da Metalexigrafia, muitos modelos direcionados a avaliação de dicionários foram elaborados. Como exemplo, pode-se citar o modelo direcionado a avaliação de dicionários bilíngues proposto por Humblé (2006), e o modelo de Selistre (2012) direcionado à avaliação da estrutura e recursos de dicionários monolíngues e bilíngues.

Além destes, destacam-se o modelo de avaliação de dicionários escolares de Língua Portuguesa sugerido por Bugueño Miranda e Farias (2013), e o modelo de avaliação de terminologias multilíngues desenvolvido por Carneiro (2019). É necessário ressaltar que embora diversos modelos direcionados à avaliação de obras lexicográficas tenham sido desenvolvidos, modelos direcionados especialmente à avaliação de repertórios terminográficos ainda são escassos.

Para a realização da análise proposta neste trabalho, optou-se por seguir os parâmetros propostos no “Roteiro para a avaliação de dicionários de língua comum e de dicionários ou glossários científicos e técnicos” (FAULSTICH, 2011), por possibilitar a avaliação dos mais diversos tipos de repertórios lexicográficos e terminográficos. Carneiro (2019) ressalta que o protocolo de Faulstich é congruente à avaliação de terminologias e recursos terminológicos por compor “o conjunto de processos orientados a assegurar a representatividade de terminologias e a demonstrar que um recurso terminológico satisfaz requisitos estruturais que o compõe” (p. 32).

Desenvolvido pelo Centro Lexterm<sup>23</sup>, o “Roteiro para a avaliação de dicionários de língua comum e de dicionários ou glossários científicos e técnicos” teve sua primeira publicação em julho de 1998 na obra intitulada *Cursos da Arrábida, Portugal, Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos*. Segundo Faulstich (2011) o roteiro surgiu com o propósito de “oferecer um meio que possibilitasse sistematizar as informações contidas em uma obra lexicográfica ou terminográfica e, assim, fornecer ao leitor e ao usuário de dicionários uma síntese lexicográfica da vasta informação que um dicionário registra”.

---

<sup>23</sup>Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos da Universidade de Brasília. Disponível em: <<http://www.lip.unb.br/nucleos-de-pesquisa/lexterm>>. Acesso em: 30 de abril de 2019.

Conforme o Anexo A, o roteiro está dividido em cinco partes, sendo: a) a primeira parte, destinada à explicação do conjunto de “informações gerais” que compõem a macroestrutura; b) a segunda parte, direcionada à investigação da qualidade do texto que compõe o repertório (averigua o *corpus*, os objetivos da obra, o público para qual se dirige etc.); c) a terceira parte, voltada à análise da apresentação dos repertórios (o padrão de ordenação dos verbetes, a adequação da obra a faixa etária a qual é destinada etc.); d) a quarta parte, direcionada à averiguação dos componentes microestruturais (verifica a composição das entradas); e) e a quinta e última parte, destinada à avaliação da feição teórica dos repertórios (indagando o avaliador sobre a recomendação da publicação e questionando quais seriam os principais pontos de difusão da obra).

Para que haja uma leitura mais fluida, serão avaliadas as obras por itens do roteiro, desconsiderando apenas o tópico 5, uma vez que as recomendações relacionadas a edição e publicação dos repertórios não configuram o objetivo proposto neste trabalho de pesquisa.

### **3.2 Apresentação das obras**

O “*Diccionario de argot y terminologia militar, vocabulario del soldado y la vida del cuartel*” de autoria de Félix Rodríguez González, foi publicado pela Editora Verbum no ano de 2005, em Madrid. Desenvolvido com o intuito de ser o primeiro dicionário espanhol a abordar os fraseotermos utilizados cotidianamente dentro dos quartéis, o repertório trata também da linguagem técnica militar. Apresentando um único volume, a obra possui apenas uma edição e não apresenta epígrafe.

Já o glossário “*O Linguajar Verde-Oliva*” de autoria de Célia Regina Rodrigues Gusmão, foi publicado em 2016 pela Editora Prismas, em Curitiba. Assim como o repertório de González, a obra de Gusmão desenvolveu-se com a pretensão de se tornar a primeira a reunir termos técnicos e fraseotermos utilizados no âmbito militar brasileiro. O livro está dividido em duas partes, sendo a primeira parte um embasamento teórico que conta com a análise de questionários e dados estatísticos e, a segunda parte, um glossário de termos e expressões coloquiais, assim como acrônimos e siglas do Exército Brasileiro. O livro é apresentado como volume único, possui apenas uma edição e também não apresenta epígrafe.

### 3.3 Análise dos repertórios por itens do roteiro

Para realizar a análise em questão, optou-se pela construção de uma tabela que possibilite a comparação das duas obras:

Tabela 1- Análise dos repertórios por itens do roteiro de Faulstich (2011).

“Diccionario de argot y terminologia militar, vocabulario del soldado y la vida del cuartel” de González (2005)	“O Linguajar Verde-Oliva” de Gusmão (2016)
<b>1. Sobre o autor</b>	
1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?	
González publicou diversas obras como <i>Diccionario del sexo y el erotismo</i> , <i>Diccionario de la droga: vocabulario general y argot</i> e <i>Diccionario gay-lésbico: vocabulario general y argot de la homosexualidad</i> , sendo bastante reconhecido na área dicionarística.	Apesar de não ter publicações lexicográficas ou terminográficas, não sendo reconhecida na área dicionarística ou de terminologia, Gusmão possui notável conhecimento sobre terminologia militar.
1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?	
Não é mencionado na obra se González fez parte de algum grupo de pesquisa.	Não é mencionado na obra se Gusmão fez parte de algum grupo de pesquisa.
1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?	
Apesar de não constar na obra, Félix Rodríguez González é Doutor em Linguística Românica pela Universidade de Alberta (Canadá), com formação em Filosofia e Letras pela Universidade de Valladolid <sup>24</sup> .	Graduada em Português-Espanhol e suas respectivas literaturas, Célia Regina Rodrigues Gusmão é Mestre em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do RJ (PUC-Rio), com ênfase no ensino de Português para estrangeiros. Capitã do Quadro Complementar de Oficiais do Exército

<sup>24</sup>Disponível em: < <https://www.diarioinformacion.com/cultura/2011/06/18/catedratico-ua-recoge-6200-expresiones-diccionario-sexo/1139767.html>>. Acesso em: 30 de maio 2019.

	Brasileiro, foi professora de Português do Instituto Militar de Engenharia (IME) e de Espanhol da Academia Militar das agulhas Negras (AMAN) <sup>25</sup> .
1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?	
González exercia o cargo de professor da Universidade de Alicante na época da publicação da obra, onde ministrava o curso de “Argot Juvenil y Marginal” aos alunos de doutorado. Seus estudos se concentram na investigação sociolinguística, lexicológica e na produção lexicográfica com enfoque na língua inglesa e no castelhano.	Gusmão fazia parte do Quadro Complementar de Oficiais do EB na época da publicação da obra.
<b>2. Sobre a apresentação da obra pelo autor</b>	
2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:	
a) os objetivos da obra?	
González (2005, p. 9) introduz a obra dizendo que na época da publicação, apesar da existência de produções científicas sobre a vida militar do ponto de vista social, cultural, antropológico, histórico e até mesmo terminográfico, faltava um dicionário que abordasse as gírias e expressões coloquiais utilizadas dentro do quartel. González explica que a obra, apesar de modesta tendo em vista as limitações técnicas e a limitação de tempo com a qual foi estruturada, tinha o objetivo de tornar-se a primeira a abordar esses aspectos.	No que se refere à obra de Gusmão (2016, p. 17), consta na introdução que o objetivo do glossário é servir de auxílio para os novos integrantes das forças armadas, que não têm conhecimento do jargão militar, aos oficiais brasileiros que ministram aulas de Língua Portuguesa a estrangeiros, e também, servir de material didático de apoio aos oficiais que ministram aulas de Língua Portuguesa no exterior. Segundo a autora, na época da publicação do repertório, existiam diversos manuais sobre a linguagem técnica utilizada no cotidiano militar, abreviaturas, siglas,

<sup>25</sup>Disponível em: < <http://lattes.cnpq.br/9460613486742541> >. Acesso em: 30 de maio de 2019.

	símbolos e convenções cartográficas, entretanto, nenhuma obra registrava os fraseotermos utilizados no cotidiano da caserna.
b) o público para o qual o conteúdo se dirige?	
A obra é destinada aos linguistas, estudiosos de lexicografia e também aos que atuam em outras áreas.	Integrantes recém-chegados nas forças armadas, oficiais brasileiros que ministram aulas de Língua Portuguesa a estrangeiros e oficiais que ministram aulas de Língua Portuguesa no exterior.
c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?	
Apesar de González (2005, p.11) esclarecer alguns pontos referentes à composição do dicionário, não há informações sobre como consultá-lo.	Não há informações sobre como consultar a obra.
d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?	
Em relação ao <i>corpus</i> , González (2005, p.10) esclarece que foram utilizadas diversas fontes, desde registros com informações técnicas, antropológicas e históricas, em relação ao âmbito militar, até o uso de textos literários, revistas humorísticas e uma produção cinematográfica.	Apesar de listar as referências bibliográficas, Gusmão não faz nenhuma referência ao <i>corpus</i> .
2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?	
González justifica a escolha de algumas obras, como é o caso da coluna “Zafarrancho de Correo” da revista humorística <i>La puta mili</i> , que acabou sendo selecionada por ilustrar situações cotidianas da vida no quartel. O autor	Não há referências justificadas pela autora, nem menção em relação à seleção dos termos. No entanto, no início da obra são apresentados dados referentes a duas consultas: a primeira, realizada com militares estrangeiros aprendizes sobre as

<p>também esclarece o uso de romances como <i>Flor de Hídalgos</i> (1938) de Jesús Evaristo de Casariego, <i>La mula</i> (2003) de Juan Eslava, <i>Recuento</i> (1973) de Luis Goytisolo, entre outras, por apresentarem numerosas referências à esfera militar.</p> <p>No que concerne ao registro de termos informais de uso essencialmente oral, González (2005, p. 11) ressalta que foram realizadas entrevistas com recrutas que prestavam serviço militar em diversas regiões da Espanha. O autor explica que alguns dos termos nunca haviam sido registrados em documentos escritos, mas que todos passaram por um processo de seleção, sendo que nenhum dos termos registrados apresenta menos do que duas ocorrências.</p>	<p>principais dificuldades encontradas no entendimento da terminologia militar brasileira e, a segunda, sobre a delimitação do uso do jargão do EB, o que, segundo Gusmão, mostrou-se fundamental para constatar quais palavras eram essências para compor o glossário.</p>
<p><b>3. Sobre a apresentação material da obra</b></p>	
<p>3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?</p>	
<p>A obra não apresenta prefácio.</p>	<p>A obra de Gusmão conta com dois prefácios, o primeiro redigido pela própria autora e o segundo redigido por Ayrton Pires da Silva Júnior, Doutor em aplicações Planejamento e Estudos Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e autor das ilustrações exibidas na obra.</p>
<p>3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?</p>	
<p>A família tipográfica da obra de González é adequada ao público destinado.</p>	<p>A família tipográfica da obra de Gusmão é</p>

	adequada ao público ao qual é destinado.
3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?	
A obra não apresenta ilustrações.	Apenas alguns termos são ilustrados. As ilustrações, que apresentam variados tamanhos, aparecem sempre próximas aos termos e possuem legenda, ajudando assim, na complementação da explicação dos contextos em que os termos são utilizados.
3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?	
Cada letra do alfabeto que introduz os termos está em negrito ao centro da página. As entradas registradas, também em negrito, estão alinhadas à esquerda em fonte maior que a do verbete. Posteriormente as entradas, as abreviaturas referentes à classe gramatical e marcas de uso se encontram grafadas em itálico, enquanto as abreviaturas relativas às instituições militares se encontram grafadas em letra maiúscula, entre parênteses. As abonações demonstrando o uso dos termos apresentam um alinhamento diferente do alinhamento dos verbetes, seguidos pelas respectivas fontes bibliográficas. Dessa forma, considera-se que os recursos gráficos são bem utilizados, facilitando a interação do consulente com a obra.	A utilização de recursos está de acordo com o equilíbrio visual da obra. As entradas, ressaltadas pelo uso do negrito, estão organizadas em ordem alfabética e cada letra que as introduz está acompanhada com sua representação segundo o alfabeto fonético internacional. As abreviaturas, que precedem as entradas, estão grafadas em itálico, seguidas pelos verbetes. O glossário não apresenta abonações, mas alguns termos possuem exemplificação.
3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?	



Os verbetes estão organizados em ordem alfabética e a obra apresenta em suas páginas finais os termos organizados tematicamente.	Os verbetes estão organizados em ordem alfabética. Nas páginas finais da obra estão listados, também em ordem alfabética, siglas e acrônimos do Exército Brasileiro.
3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?	
Contempla apenas a língua espanhola.	Contempla apenas a língua portuguesa.
3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?	
A obra de González mostra-se de fácil e prática utilização.	A obra de Gusmão apresenta um manuseio fácil e prático.
3.8. A obra está editada em suporte informatizado?	
Sim.	Não.
3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?	
Para a realização desta análise, está sendo utilizado o formato eletrônico da obra de González, e por isso, não é possível responder a este tópico.	A obra possui um bom acabamento.
3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?	
Há, no início do repertório, uma breve lista de abreviaturas que são empregadas corretamente no corpo do texto.	Sim, as abreviaturas apresentadas no início do repertório são empregadas corretamente no corpo do texto.
3.11. A obra possui ampla divulgação?	
A obra é bastante disseminada nos meios eletrônicos.	Mesmo não dispondo um formato eletrônico, a obra é bastante disseminada no âmbito militar.
<b>4. Sobre o conteúdo</b>	
4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?	
Em relação ao conteúdo do dicionário de González, pode-se dizer que obra registra	Quanto ao Glossário de Gusmão, pode-se dizer que obra registra um número

<p>um número significativo de entradas, que cobrem:</p> <p>Neologismos como:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>bultarraco:</b> <i>m, desp</i> → Bulto que acaba de chegar. El sufijo -aco refuerza el carácter despectivo del término.</li> <li>▪ <b>marronero:</b> <i>m</i> Soldado que con frecuencia está en el cuadro de arrestados.</li> <li>▪ <b>vakeante</b> o <b>v'keante</b> (MU): <i>m, hum</i> Soldado que todavía no se licencia, y «aquí se va a quedar».</li> </ul> <p>Derivações:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>dianilla:</b> <i>f, hum</i> Acción de remolonear en la cama a la hora fijada para levantarse. Deriv. de → diana, toque que señala la hora de levantarse.</li> <li>▪ <b>sardinita:</b> <i>m, hum</i> Dim. de → sardina<sup>2</sup>. (Morant et al. 1997:357)</li> <li>▪ <b>soldadesco:</b> <i>adj, desp</i> Referido a los soldados: la vida soldadesca, el lenguaje soldadesco. (DSLE)</li> </ul> <p>Termos compostos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>anticongelante (A):</b> <i>m, hum</i> Copa de whisky, brandy u otras bebidas alcohólicas de mucha graduación. (A.1987)</li> <li>▪ <b>comepollas: 1</b> <i>m, desp</i> Soldado novato que acaba de llegar al cuartel. SIN: peludo (Álvarez et al. 1994:71)</li> <li>▪ <b>2</b> Soldado que obtiene permisos con</li> </ul>	<p>significativo de entradas, que cobrem:</p> <p>Neologismos como:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>papirão</b> <i>adj. s.</i> aquele que estuda muito ou lê bastante.</li> <li>▪ <b>bostejador</b> <i>adj. Subst.</i> aquele que fala muito, é prolixo e nada do que fala acrescenta.</li> <li>▪ <b>carcaçudo</b> <i>adj. Subst.</i> militar que tem excelente preparo físico.</li> </ul> <p>Derivações:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>piruar</b> <i>v.</i> oferecer-se para fazer algo.&lt;Você ficou piruando a missão inteira, agora não reclame.&gt;</li> <li>▪ <b>piruação</b> <i>subst. fem.</i> ato de voluntariar-se, oferecer-se para realizar determinada missão.</li> <li>▪ <b>piruador</b> <i>subst.</i> aquele que se oferece para cumprir uma missão, realizar uma tarefa.</li> </ul> <p>Termos compostos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>caga-pau</b> <i>loc. Subst.</i> militar que não segue o previsto pelo regulamento.</li> <li>▪ <b>cerra-fila</b> <i>subst. c.</i> graduado colocado à retaguarda de uma tropa para cuidar da correção da marcha e dos movimentos de ordem unida e zelar pela disciplina.</li> <li>▪ <b>pica-fumo</b> <i>subst. masc.</i> militar de</li> </ul>
---	--

<p>mucha frecuencia. (AB.1999)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>pisahormigas:</b> <i>m, hum</i> Soldado que hace la mili en infantería. (M.1961, VI.1972)</li> </ul> <p>Fraseotermos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>calendario andante</b> (M): <i>m, desp</i> Recluta recién incorporado y al que, por tanto, le quedan muchos días por delante, es decir, muchos días del calendario que tacha, para finalizar su servicio militar. (M.1990) (→ asfixiómetro)</li> <li>▪ <b>comerse un marrón</b> (V): <i>fr v, desp</i> Ser arrestado por haber cometido una acción ilegal. (Gómez 1998:57)</li> <li>▪ <b>chupar garita:</b> <i>fr v, desp</i> → hacer guardia. (A.1988)</li> </ul>	<p>pouca patente ou que tem pouco tempo de serviço.</p> <p>Fraseotermos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>parir o ouriço</b> <i>loc. v.</i> realizar alguma atividade muito difícil.</li> <li>▪ <b>dar uma de josen</b> <i>loc. v.</i> redução de dar uma de ‘João sem braço’, isto é, fingir que uma situação não lhe diz a respeito, fazer-se de desentendido. &lt;o capitão deu uma de josen quando interpelado pelo Comandante.&gt;</li> <li>▪ <b>estar na mike</b> <i>loc. v.</i> ter algum problema, estar mal.</li> </ul>
4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade?	
Os termos apresentados no repertório fazem parte do universo militar.	Os termos apresentados no repertório fazem parte do universo militar.
4.3. Os verbetes apresentam:	
a) categoria gramatical?	
Os verbetes contam com a categorização gramatical que sempre aparece abreviada e em itálico, como <i>adj.</i> referente a adjetivos e <i>interj.</i> referente a interjeições.	A categorização gramatical aparece abreviada e em itálico no verbete, como <i>adj.</i> referente a adjetivos e <i>pron. indef.</i> referente aos pronomes indefinidos.
b) gênero?	
Assim como a categorização gramatical, o gênero da entrada também aparece abreviado e em itálico, sendo utilizada a	O gênero dos termos aparece abreviado e em itálico, antecedido por sua classificação gramatical, como a

<p>abreviação <i>f.</i> para se referir ao gênero feminino e <i>m.</i> para se referir ao gênero masculino.</p>	<p>abreviação <i>subst. fem.</i> utilizada para se referir aos substantivos femininos e <i>subst. masc</i> utilizada para se referir aos substantivos masculinos.</p>
<p>c) sinonímia?</p>	
<p>Algumas entradas apresentam sinônimos, como é o caso das unidades terminológicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>despejar</b> (V): <i>vt</i> Dar un golpe seco con la palma de la mano abierta en toda la frente (V.1992). SIN: <i>chopear, dar un colacao.</i></li> <li>▪ <b>novia, la:</b> <i>f, hum</i> Fusil CETME. SIN: <i>chopo.</i></li> </ul>	<p>A utilização de sinônimos se faz presente como parte da descrição de algumas unidades terminológicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>bostejo</b> <i>subst. masc.</i> besteira, bobagem falada por alguém.</li> <li>▪ <b>enquadrar</b> <i>v.</i> disciplinar, chamar a atenção, dar uma bronca. Usada quando um superior hierárquico lembra alguma regra a um subordinado que não a cumpriu.</li> </ul>
<p>d) variante(s) da entrada?</p>	
<p>Algumas unidades terminológicas apresentam:</p> <p>Variante gráfica:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>wisa</b> o <b>wissa:</b> <i>m, hum</i> → <i>bisa.</i> (Z.1989, V.1992, M3.1993, AB.1999) (→<i>wiss</i>) El cambio de grafía puede explicarse como un proceso complejo en el que caben suponerse las siguientes etapas: la equivalencia fonética <i>b~g</i> y el cambio a la ortografía <i>gu</i> para seguir manteniendo el sonido velar sonoro, la pronunciación [gwísa] por confusión y el empleo de diéresis por algunos hablantes, y finalmente, por un fenómeno de hiper caracterización ortográfica debida a la influencia del</li> </ul>	<p>Algumas unidades terminológicas apresentam:</p> <p>Variante gráfica:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>garança ou garance</b> <i>subst. fem.</i> cor vermelha em alusão ao corante <i>g.</i> feito da planta de mesmo nome, cuja cor é vermelha. Cor da boina usada nos Colégios Militares do SCMB.</li> </ul> <p>Variante lexicais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>cassino</b> <i>subst. masc.</i> Local onde os militares fazem sua refeição. O mesmo que rancho.</li> <li>▪ <b>rancho</b> <i>subst. masc.</i> Local onde as refeições são feitas.</li> </ul>

inglés, hablantes con conocimientos de esta lengua han llegado a escribir *wisa*.

Variantes lexicais:

- **fusil:** *m* Arma de fuego portátil provista de un cañón y un mecanismo para disparar los cartuchos. Hay diversas clases de fusiles (fusil ametrallador, automático, fusil de repetición).

Los soldados se habían subido a la parte trasera del camión, que estaba parado y con la trampilla bajada. Saltaban al suelo de uno en uno, con el fusil entre las manos, en un ejercicio que a Antonia le pareció verdaderamente tonto. (Rosa Montero 1991 [1983], *Te trataré*, 165)

- **novia, la:** *f, hum* Fusil CETME. SIN: *chopo*. Se llama así porque los reclutas tienen que cuidarlo mucho y no abandonarlo, como si de una novia se tratara. El argot militar hebreo de Israel cuenta con una expresión equivalente para el rifle, *isha*, lit. ‘esposa’ (y el recluta novato que ha olvidado coger su rifle es probable que se quede perplejo la primera vez que oye a alguien preguntarle «¿Dónde está tu esposa?, a lo que quizá ingenuamente responda «Está en casa» o «No estoy casado»

(David Gold, comunicación personal) (→mochila)	
e) variante(s) da definición?	
Não são apresentadas variantes das definições.	Não são apresentadas variantes das definições.
f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?	
<p>A obra não apresenta critérios para a distinção entre termos homonímicos e polissêmicos, no entanto, observa-se que no caso de termos polissêmicos os verbetes recebem enumeração de acordo com as diferentes definições, como é o caso do termo <b>caraja</b>:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>caraja: 1</b> <i>adj</i> Torpe, despistado. Uno de los soldados no ha entendido lo que es un cetme.. ¿A quién arrestaría usted por caraja? (<i>Putá Mili</i>, 8-6-1994, 25)</li> <li><b>2</b> <i>m</i> Soldado torpe, despistado. SIN: <i>torrija</i>. (S.1989)</li> <li><b>3</b> <i>m</i> Cabo. (A.1988)</li> <li><b>4</b> <i>f</i> Torpeza, despiste.    <i>fr</i> v <b>estar con la caraja, estar acarajotado.</b> (PP)</li> </ul>	<p>Assim como a obra de González, a obra de Gusmão não apresenta critérios para a distinção entre termos homonímicos e polissêmicos, mas também é possível perceber que no caso dos termos polissêmicos os verbetes recebem enumeração de acordo com as diferentes definições:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>acoxambrador(a)</b> <i>subst. 1.</i> Militar que encontra sempre uma desculpa para não realizar uma atividade <b>2.</b> Militar que descansa enquanto todos trabalham.</li> </ul>
g) marcas de uso? Como se classificam?	
São apresentadas as marcas de uso de alguns termos, que se classificam como <i>coloquial (col.)</i> , <i>despectivo (desp.)</i> , <i>documentación (doc.)</i> , <i>familiar (fam.)</i> ,	Não são apresentadas marcas de uso.

<p><i>figurado (fig.), histórico (hist.), humorístico (hum.), infrecuente (infrec.), literalmente; uso literario (lit.), obsoleto (obs.) e regional (reg.):</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>encuartelar:</b> <i>vt, obs</i> Encerrar en el cuartel, → acuartelar. (Término infrecuente hoy, pero en uso en el español de América)</li> </ul>	
h) indicação de área ou subárea de especialidade?	
Dicionário referente à terminologia militar.	Glossário referente à terminologia militar.
i) contexto? (exemplo ou abonação?)	
<p>Constantemente o autor utiliza abonações e/ou notas explicativas para contextualizar os termos, como acontece com as entradas <b>barracón</b> e <b>barrio chino</b>:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>barracón:</b> <i>m</i> Edificio de un solo piso, grande y tosco, usado para alojar tropas. -¿Cuál fue el mejor y peor momento que pasó en su guerra particular?-[...] El peor, un día ya siendo oficial en que ví a un capitán llevar a patadas un soldado desde su barracón hasta el calabozo. (Entrevista a Joan Manuel Serrat, <i>Putá Mili</i>, 14-4 1993, 8)</li> <li>▪ <b>barrio chino:</b> <i>m, hum</i> Zona de un acuartelamiento que concentra diversas dependencias y talleres de mantenimiento del mismo (albañilería,</li> </ul>	<p>O glossário não faz uso de abonações, se valendo de exemplos construídos para contextualizar os termos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>acoxambrar</b> <i>v.</i> relaxar, fazer corpo mole para não realizar alguma atividade. &lt;Durante o treinamento físico, o cadete acoxambrou a corrida.&gt;</li> <li>▪ <b>padrão</b> <i>subst. masc.</i> qualidade de algo bem feito, que serve como modelo a ser copiado. &lt;A pintura dos alojamentos ficou padrão.&gt;</li> </ul>

<p>fontanería, etc.) de la unidad de servicios. (PP)</p> <p>Recibe este nombre por tratarse de una zona abigarrada, con varias dependencias, desordenadas por lo general, que recuerdan a las de los barrios chinos que vemos en las películas y en las grandes ciudades y en los que hay multitud de establecimientos.</p>	
j) equivalente(s)?	
As entradas não apresentam equivalentes.	As entradas não apresentam equivalentes.
k) formação da palavra?	
As entradas não apresentam informações sobre a formação das palavras.	As entradas não apresentam informações sobre a formação das palavras.
l) indicação de pronúncia?	
Não há indicação de pronúncia.	<p>Alguns termos apresentam indicações de pronúncia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>hop</b> <i>subst. masc.</i> muita pressa. &lt;Você vai à formatura no CRMJ?-Não vai dar, <i>estou no hop</i> pra entregar esse relatório.&gt; (Lê-se ‘rôpi’)</li> <li>▪ <b>hoop</b> <i>interj.</i> Voz de comando informal para cessar o à vontade, ou seja, para que a tropa formada cesse o papo, pare de conversar e volte ao silêncio. (Lê-se ‘rôopi’, com a pronúncia da vogal “o” prolongada).</li> </ul>
m) origem e etimologia?	
Em alguns casos são indicadas as origens das entradas, como o termo <b>chérif</b> , que	Segundo Gusmão (2016), em relação aos usos dos termos, não houve a preocupação



<p>segundo González (2005, p.74) é a “forma adaptada del inglés <i>sheriff</i> ”. Alguns termos apresentam um contexto etimológico, como o termo <b>bisoño</b>, que em nota González (2005, p.47) explica:</p> <p>"Etimológicamente, el término procede del italiano bisogno (necesidad), aplicado por los italianos a los soldados españoles desembarcados en el norte de Italia en el siglo XVI para formar parte en los tercios. El nombre se debió a que iban normalmente mal vestidos y pasaban bastantes penurias durante el trayecto. La palabra hizo pronto fortuna con el significado de soldado inexperto para pasar pronto a aplicarse al novato o inexperto en cualquier trabajo. (AD)".</p>	<p>em fazer um estudo etimológico ou sociológico. Devido a isso, a obra não registra a etimologia dos termos. Em alguns casos são apresentadas as origens, como é o caso das entradas <b>briefing</b> e <b>ultima ratio regis</b>:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>briefing</b> [ing] <i>subst. masc.</i> <b>1.</b> Checagem previa dos detalhes para o cumprimento de determinada missão. <b>2.</b> Reunião ou encontro para acertar detalhes sobre determinada atividade ou missão a ser realizada.</li> <li>▪ <b>ultima ratio regis</b> [lat.] literalmente, significa ultima razão (ou argumento) dos reis. É lema dos artilheiros, por ser a guerra o último recurso de qualquer governante, depois de esgotadas todas as tentativas de resolução de um conflito no campo diplomático. Sendo assim, após o uso dos canhões, peça fundamental da Artilharia, não há mais ao que apelar.</li> </ul>
n) divisão silábica?	
Não é apresentada divisão silábica.	Não é apresentada divisão silábica.
o) nomenclatura científica?	
Não apresenta.	Não apresenta.
p) remissivas úteis entre conceitos?	
O índice de abreviaturas não indica nenhuma abreviação referente às remissivas, que é um aspecto comum da obra, sendo evidenciadas pela utilização de	No índice de abreviações é possível encontrar a abreviatura “Cf: conforme” utilizada para indicar remissivas:

<p>setas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>patatero:</b> <i>adj/m</i>, desp Referido al militar → chusquero. (→ patata)</li> <li>▪ <b>patata:</b> <i>m, hum</i>, obs Militar chusquero. (→ patatero)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>alamar</b> <i>subst. masc.</i> <b>1.</b> acessório feito por cordões trançados, usado sobre a farda (ombro) por quem ocupa funções de assessoramento a superiores hierárquicos (<i>Cf.</i> cordinha) <b>2.</b> Acessório feito por cordões trançados, usado sobre o uniforme, pelo aluno do SCMB que tem excelente comportamento e desempenho cognitivo acima da média.</li> <li>▪ <b>bolsa velame</b> <i>Cf.</i> velame.</li> </ul>
q) fontes?	
<p>A bibliografia utilizada na construção do <i>corpus</i> e nas abonações soma um total de mais de cem obras e encontra-se nas páginas iniciais do dicionário, logo após o índice de abreviaturas.</p>	<p>As referências utilizadas na construção do glossário totalizam um total de treze fontes e encontram-se ao final da obra.</p>
r) notas?	
<p>Sim, o autor apresenta notas explicativas em relação a aspectos gramaticais, etimológicos, históricos etc:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>bandera de enganche/de recluta:</b> <i>f, hist</i> → banderín de enganche. En el siglo XVIII (Real Cédula de 20 de Julio de 1717), dejan de ser los capitanes los encargados de efectuar directamente la recluta de sus compañías pasando ésta a ser responsabilidad de los regimientos, constituidos en</li> </ul>	<p>Em alguns casos é possível encontrar explicações de diversas naturezas, que não necessariamente possuem o formato de notas e aparecem depois das definições:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>cadeia de comando:</b> <i>loc.subst.</i> cadeia formal de postos e graduações de acordo com a hierarquia dentro de uma Organização militar do EB. É possível visualizá-la a partir do organograma. Assim, quando um subordinado tem algum problema, deve comunicá-lo a seu chefe direto dentro dessa cadeia de comando.</li> </ul>

<p>unidad administrativa principal del ejército borbónico. [...] Para atraer a los mozos, se ofrecían buenas bolsas de enganche, vida fácil y cómoda, fabulosos botines de guerra, etc. Con todo, no eran muchos los hombres de bien que se acercaban a las banderas de enganche. (J.J. Álvarez Díaz 2000, <i>El Ejército</i>, 456)</p>	
<p>4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?</p>	
<p>A maioria das definições possuem enunciados de uma só frase.</p>	<p>A maioria das definições possuem enunciados de uma só frase.</p>
<p>4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?</p>	
<p>Sim, as definições são apresentadas levando em conta o nível de discurso do público ao qual é destinado.</p>	<p>Sim, as definições são apresentadas levando em conta o nível de discurso do público ao qual é destinado.</p>

Fonte: a autora.

Através das informações contidas na tabela, pode-se constatar que por se direcionar à comunidade acadêmica, o *Diccionario de argot y terminologia militar, vocabulario del soldado y la vida del cuartel* apresenta maiores esclarecimentos em relação à constituição do *corpus*, composto por obras de diversos gêneros textuais. O autor, que é reconhecido na área dicionarística, também teve uma maior preocupação em utilizar abonações para contextualizar as entradas, apresentar marcas de uso e explicar os parâmetros utilizados para o registro dos termos “de la mili”. Devido a esses aspectos, tornou-se mais fácil a identificação da atitude descritiva adotada por parte do autor.

Por outro lado, através das informações obtidas, pode-se afirmar que o glossário intitulado “*O Linguajar Verde-Oliva*”, por ser direcionado ao ensino no âmbito militar, preocupa-se com aspectos léxico-semânticos. Assim, é levado em conta o sentido linguístico das unidades terminológicas em oposição ao sistema da língua, sendo utilizadas ilustrações e exemplos para contextualizar as entradas. A autora, que não possui outras publicações na área

dicionarística, não se preocupou em apresentar as marcas de usos, os parâmetros adotados para o registro dos termos “verde-oliva”, assim como não prestou esclarecimentos em relação à constituição do *corpus*. A ausência de esclarecimentos em relação a alguns desses elementos dificultou a identificação da atitude descritiva adotada por parte da autora.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se neste trabalho, realizar uma comparação de aspectos micro e macroestruturais entre um repertório terminográfico espanhol, e um repertório terminográfico brasileiro, ambos referentes à terminologia militar e analisados sob uma perspectiva socioterminológica. Para a realização deste propósito, optou-se pela utilização de um recurso metalexigráfico, o roteiro proposto por Faulstich (2011), levando em consideração as etapas que mapeiam o trabalho socioterminológico apontadas pela autora no ano de 1995.

A análise comparativa realizada permitiu a observação de diversas particularidades (semelhanças e diferenças) entre o repertório de González e o repertório de Gusmão, assim como, entre a metodologia adotada por cada um deles. É possível observar que ambos os autores consultaram usuários da terminologia em questão, registraram os fraseotermos considerando uma dimensão léxico-semântica, bem como se preocuparam em registrar variantes terminológicas e neologismos.

Dos aspectos passíveis de verificação, constatou-se que ambos os autores seguiram metodologias que validam seus repertórios, apesar do repertório de González apresentar uma preocupação em proporcionar maiores elucidações ao consulente, no que tange aos processos empregados. De qualquer forma, as duas obras terminográficas atendem às necessidades comunicativas para as quais foram desenvolvidas. A análise comparativa de cunho descritivo realizada reforça que a utilização de etapas metodológicas bem definidas, tende a garantir maior representatividade aos repertórios terminográficos redigidos. Além disso, o registro dos processos adotados, na macroestrutura, pode assegurar uma maior confiabilidade ao consulente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. **Cadernos do CNLF**, vol. XV, n. 5, t. 2. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2011, p. 1332-1343. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xv\\_cnlftomo\\_2/105.pdf](http://www.filologia.org.br/xv_cnlftomo_2/105.pdf)> . Acesso em 28 de mar. 2019.

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. O percurso da Terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma. **Tradterm**, v. 9, p. 211-222, 2003. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49087>. Acesso em: 26 de out. 2019.

ALVES, Ieda Maria. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação lingüística. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 40, p. 11-16, 1996.

AUGER, Pierre. Pour un modèle variationniste de l'implantation terminologique dans les entreprises au Québec. In: **Colloque sur la problématique de l'aménagement linguistique: Actes du Colloque**. p. 483-493, 1994.

BARBOSA, Maria Aparecida. —Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: identidade científica, objeto, métodos e campos de atuação. In: **II Simpósio Latino Americano de Terminologia**. [n.p.], 1992.

BARROS, Lidia Almeida. **Curso básico de Terminologia**. São Paulo: EdUSP, 2004.

BEVILACQUA, Cleci Regina; FINATTO, Maria José Bocorny. Lexicografia e terminografia: alguns contrapontos fundamentais. In: **ALFA: Revista de Linguística**. São Paulo: UNESP, vol. 50, p. 43-54, 2006.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2ª ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, p.13-22, 2001.

BOULANGER, Jean-Claude. Une lecture socioculturelle de la terminologie. **Cahiers de linguistique sociale**, v. 18, p. 13-30, 1991.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V.; FARIAS, V. S. Proposta de um modelo de avaliação de dicionários escolares de Língua Portuguesa. In: **XIV SEMINÁRIO NACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA E IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA**, 2013, Uberlândia. Anais do SILEL. Uberlândia: EDUFU, 2013. v. 3. p. 01-20. Disponível em: <[http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013\\_1100.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1100.pdf)> Acesso em: 01 set. 2019.

CABRÉ, Maria Teresa. Uma nova teoria da terminologia: da denominação à comunicação. In: **A terminologia: representação e comunicação: elementos para uma teoria da base comunicativa e outros artigos**. Documentação universitária, p. 1000-1019, 2005.

CARNEIRO, Marcos de Campos. **Avaliação multilíngue aplicada à formação em tradução jurídica**: estudo par proposta didática com base em tics. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2019.

CONTANI, Miguel Luiz; YAMANARI, Thaís Tiemi. Leitura de imagens e o vintage em editoriais de moda nas revistas Voguee Rolling Stone. **Discursos Fotográficos**, v. 9, n. 14, p. 37-54, 2013.

CORREIA, Margarita. Homonímia e polissemia: contributos para a delimitação dos conceitos. **Revista Palavras**, p. 01-15, 2000.

DE LUCCA, J. L.; NUNES, Maria das Graças Volpe. Lematização versus Stemming. **Série de Relatórios Técnicos do NILC – ICM-USP**, São Paulo, 2002.

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS- UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Lexterm**, 2013. Disponível em: <<http://www.lip.unb.br/nucleos-de-pesquisa/lexterm>>. Acesso em 20 de abril de 2019.

DIKI-KIDIRI, Marcel. Le vocabulaire scientifique dans les langues africaines. **Pour une approche culturelle de la terminologie**. Paris, Karthala, 2008.

FAULSTICH, Enilde Leite de Jesus. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. In: **Ciência e Cultura**, v. 58, n. 2, p. 27-31, 2006.

FAULSTICH, Enilde Leite de Jesus. **Aspectos de Terminologia geral e Terminologia variacionista**. Tradterm, v. 7, p.11- 40, 2001.

FAULSTICH, Enilde Leite de Jesus. **Avaliação de Dicionários**: Uma proposta metodológica. Organon. São Paulo, v.25, n.50, p. 181-220, 2011.

FAULSTICH, Enilde Leite de Jesus. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. In: **Ciência da Informação**, v. 24, n. 3, [n.p.], 1995.

GAUDIN, François. **Pour une socioterminologie: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles**. 1993.

GONZÁLEZ, Félix Rodríguez. **Diccionario de terminología y argot militar**: vocabulario del soldado y la vida del cuartel. España: Editorial Verbum, p. 317, 2005.

GUSMÃO, Célia Rodrigues. **O Linguajar verde-oliva**. Curitiba: Editora Prismas, p. 166, 2016.

GUSMÃO, Célia Rodrigues. **Currículo Lattes**. 2019. Disponível em:<<http://lattes.cnpq.br/9460613486742541>>. Acesso em: 30 de maio de 2019.

HUMBLÉ, Philippe. Melhor do que muitos pensam. Quatro dicionários bilíngües português–inglês de uso escolar. **Cadernos de tradução**, v. 2, n. 18, p. 253-273, 2006.

INFORMACIÓN. **Un catedrático de la UA recoge 6.200 expresiones en un diccionario del sexo**.2011. Disponível em: <  
<https://www.diarioinformacion.com/cultura/2011/06/18/catedratico-ua-recoge-6200-expresiones-diccionario-sexo/1139767.html>>. Acesso em: 30 de maio 2019.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION . **ISO 1087-1:** terminology work: principles and methods, part 1: theory and application/ Travaux terminologiques: vocabulaire, partie 1: théorie et application. Genebra, p.01-41, 2000.

KRIEGER, Maria da Graça. Heterogeneidade e dinamismo do léxico: impactos sobre a lexicografia. **Confluência**, v. 1, n. 46, p. 323-334, 2014.

KRIEGER, Maria da Graça, FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

RAUS, Rachele. **La terminologie multilingue:** la traduction des termes de l'égalité H/F dans le discours international. Boeck Supérieur, 2014.

SELISTRE, Isabel Cristina. Dicionários disponíveis on-line para aprendizes de inglês: estruturação e recursos. **Ciência da Informação**, v. 39, n. 3, p. 61-72, 2011.

SILVA, Moisés Batista da. Uma palavra só não basta: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. **Revista de letras**, v. 1, n. 28, 2006.

TELES, Letícia Bonora; BARROS, Lídia Almeida. Tratamento dos diferentes graus de equivalência entre termos de estatutos sociais em português e em francês na microestrutura de um modelo de dicionário para tradutores juramentados. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v 17, n.2, p.342-357, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Termisul**. Disponível em: <  
<http://www.ufrgs.br/termisul/index.php>>. Acesso em:26 de maio de 2019.

VIVIAN, Ester Motta. **A variação no léxico jurídico:** um estudo aplicado de unidades terminológicas complexas. p. 136, 2010.

PONTES, Antônio Luciano; FARIAS, Emília Maria Peixoto. Estudo metalexigráfico do Webster's Encyclopedic Unabridged Dictionary of the English Language (1989). **Entrepalavras**, v. 3, n. 2 esp, p. 102-112, 2013.

SOUZA, Davi Pereira de; LIMA, Alcides Fernandes de. TERMINOLOGIA DO CUPUAÇU13. **ANAIS DO VI SERGEL**, p. 85, 2017.



UNIVERSITAT POMPEU FABRA. **Iulaterm**. Disponível em:<<https://www.upf.edu/web/iulaterm>>. Acesso em 13 de junho de 2019.

WELKER, Herbert Andreas. Breve histórico da metalexigrafia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. **Matraga**, v. 19, p. 69-84, 2006.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Thesaurus Editora, 2004.

WIEGAND, Herbert E. On the structure and contents of a general theory of lexicography. **Hartmann, RRK (ed.)**, v. 1984, p. 13-30, 1984.

## ANEXO A

### ROTEIRO DE FAULSTICH (2011)

#### ROTEIRO PARA AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIOS DE LÍNGUA COMUM E DE DICIONÁRIOS OU GLOSSÁRIOS CIENTÍFICOS E TÉCNICOS

Título:  
 Autor:  
 Editora:  
 Edição:  
 Data:  
 Local de publicação:  
 Volume(s):  
 Epígrafe:

#### **1. Sobre o autor**

- 1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?
- 1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?
- 1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?
- 1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

#### **2. Sobre a apresentação da obra pelo autor**

- 2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:
  - a) os objetivos da obra?
  - b) o público para o qual o conteúdo se dirige?
  - c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?
  - d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?
- 2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

#### **3. Sobre a apresentação material da obra**

- 3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?
- 3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?
- 3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?
- 3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?
- 3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?
- 3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?
- 3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?
- 3.8. A obra está editada em suporte informatizado?
- 3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?
- 3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?
- 3.11. A obra possui ampla divulgação?

#### **4. Sobre o conteúdo**

- 4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?
- 4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade?
- 4.3. Os verbetes apresentam:
- a) categoria gramatical?
  - b) gênero?
  - c) sinonímia?
  - d) variante(s) da entrada?
  - e) variante(s) da definição?
  - f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?
  - g) marcas de uso? Como se classificam?
  - h) indicação de área ou subárea de especialidade?
  - i) contexto? ( exemplo ou abonação?)
  - j) equivalente(s)?
  - k) formação da palavra?
  - l) indicação de pronúncia?
  - m) origem e etimologia?
  - n) divisão silábica?
  - o) nomenclatura científica?
  - p) remissivas úteis entre conceitos?
  - q) fontes?
  - r) notas?
- 4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?
- 4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

## **5. Sobre a edição e publicação**

- 5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?
- 5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

## ANEXO B

## CAPA DO DICIONÁRIO DE ARGOT Y TERMINOLOGIA MILITAR (2005)



Fonte: Google imagens.

## ANEXO C

CAPA DO LIVRO *O LINGUAJAR VERDE-OLIVA* (2016)

Fonte: Google imagens.

## ANEXO D

## ORGANIZAÇÃO DOS DADOS NAS ENTRADAS DO REPERTÓRIO DE GONZÁLEZ (2005)

## A

**abrevadero** (CS): *m, bum* Comedor. (CS.1989)

**abuela** (A): *f, bum* Novia o íntima amiga del → abuelo. (A.1987)

**abuelaca** (Maikel 1994) o **abuelaco** (V.1992; Gómez 1998: 48) *m, bum* → abuelo.

**abuelía**: *f, bum* Colectivo o jerarquía formado por los soldados más antiguos o → abuelos. (A.1988, CS.1989); grado o condición de → abuelo, veteranía (→ *wiss*).

El estatus del soldado, que viene dado por la escala de valores (a la que hemos denominado *abuelía*), es marcado por el tiempo del grupo en relación con la licencia, donde la importancia no es la licencia, sino, por el contrario, el grupo como tal. (J.L Anta 1990, *Cantina*, 64)

Por su parte, el sistema pone en la cabeza de la formación de tipo rutinario (no en los grandes desfile institucionalizados = *paradas militares*) a los que ocupan puestos más altos en la abuelía, es decir, a los veteranos, igual que son los primeros en entrar a comer, por poner un ejemplo. (*id*, 73)

**abuelía entrante** (V): *f, bum* Conjunto de reclutas nuevos. (V.1997) Ver cita.

El abuelo siempre defiende a los nuevos que entran, a los que llaman "abuelía entrante". (DMP)

**abuelo**: *m, bum* Soldado veterano que lleva cumplidos más de 8 meses y ha convivido por tanto con al menos dos reemplazos. Se denomina así en función del tiempo que ha permanecido en el cuartel, por encima del → padre.

Papás, abuelos y "bisas" reciben con entusiasmo a los pelusos: constituyen carne fresca a la que putear y suponen el "ascenso" en el escalafón. (J. Ribera 1990, *¡Viva la patria!*, 46)

[...] hasta que no pasen meses y sea un *padraco* y más meses hasta que sea un *abuelo*, a punto de licenciarse, tendrá que cargar con todo tipo de trabajos, soportar burlas y asumir todos los deberes que los veteranos quieran imponerle. (A. Pérez 1987, "Los soldados", 42)

*Abuelo o abuelaca*. Es el segundo en la escala de los puteadores. Se pasa el día pensando lo poco que le queda para ser *bisa* y planeando maldades para los pelusos que han de llegar. (Maikel 1994, *La mili*, 140)

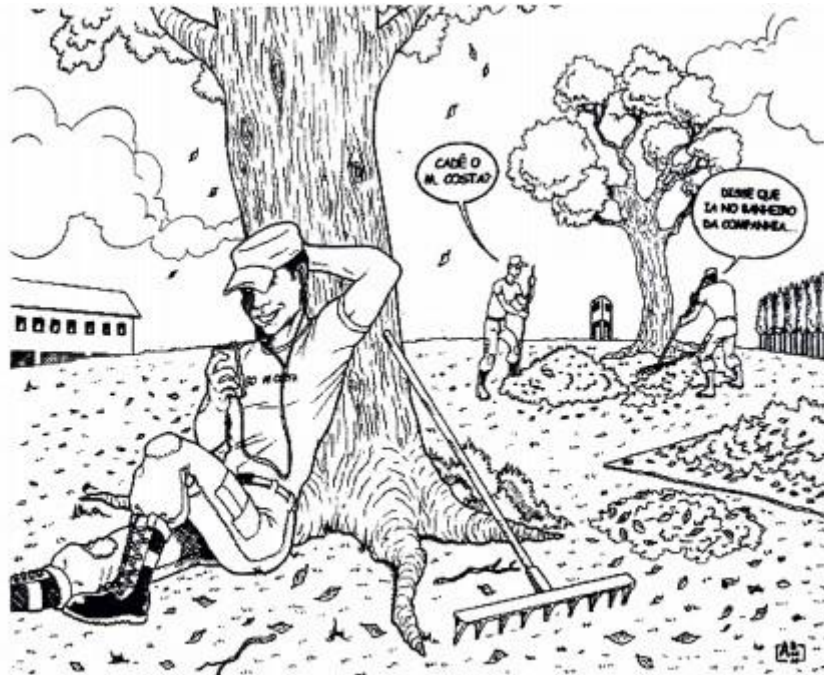
**abuelo mayor**: *m, bum* Soldado del llamamiento más veterano que posee mayor ascendiente sobre sus compañeros y sobre el resto de los soldados. SIN: *papi*. (PP)

**academia o academia militar**: *f* Escuela oficial de formación castrense.

Y en cambio la mayor parte de los oficiales ha pasado por la academia militar de Zaragoza y todos los aragoneses les llegan recomendados. (L. Goytisolo 1987 [1973], *Recuento*, 101)



## ANEXO E

ORGANIZAÇÃO DOS DADOS NAS ENTRADAS DO REPERTÓRIO DE GUSMÃO  
(2016)

O soldado M. Costa é acoxambrador. Também poderia ser chamado de desunido, por deixar os companheiros de trabalho sozinhos.

**Adido militar** *loc. subst.* função militar e cargo diplomático ocupado por oficial general ou oficial superior junto à Embaixada do Brasil no exterior.

**aditamento** *subst. masc.* documento anexo ao Boletim Interno de uma OM.

**aditância** *subst. fem.* lugar de trabalho do adido militar no exterior. Geralmente, junto à Embaixada do Brasil.

**adjunto** *subst. masc.* função do militar que assessora diretamente a um superior hierárquico em serviço, substituindo-o na execução de algumas atribuições quando necessário. Por exemplo, o adjunto ao Oficial de dia.

70 Célia Rodrigues Gusmão